

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón  
Milão, 24 de maio de 2017**

*Textos de referência: L. Giussani, Por que a Igreja, Ed. Cia Ilimitada, São Paulo 2015, pp. 253-262 e J. Carrón, Introdução dos Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação 2017: O meu coração é feliz porque Tu, Cristo, vives.*

- *Il Desiderio*
- *Il seme*

*Glória*

*Veni Sancte Spiritus*

**Julián Carrón:** Começamos a trabalhar sobre a introdução dos Exercícios da Fraternidade de 2017, onde iniciamos propondo uma pergunta citando Péguy: a salvação ainda permanece interessante? (cfr. *O meu coração é feliz porque Tu, Cristo, vives*). O que a fez permanecer interessante? O que a pode manter interessante em meio a todas as dificuldades e desafios da vida, entre todos os problemas que acontecem sucessivamente e todas as nossas distrações? O que tudo isso tem a ver com o seguir, hoje? O que prevalece agora? Trata-se de continuar este percurso que chamamos, em outros momentos, usando as palavras de Giussani, de “personalização da fé”. O que significa personalização da fé? Que o que encontramos se torne meu. E isso não pode acontecer sem mim. Essa personalização não pode acontecer em mim sem a minha liberdade. Isso fica evidente já nas primeiras colocações que chegaram. Começo lendo uma delas (porque a pessoa que escreveu não podia vir esta noite): “Voltei triste dos Exercícios porque me comparei muito com suas palestras e não respirei. Não vi muito. Saí confusa pelas muitas coisas ditas, as quais não consegui tornar concretas. E tudo isso me irritava. Fiquei incomodada, mas sem uma resposta, pelo menos foi assim que me senti [pode acontecer em um momento tão crucial, como veremos depois que também aconteceu para muitos de nós, que alguém tenha essa dificuldade. Mas, como se vê logo depois, o Mistério não nos deixa sós]. Nestes dias, aconteceu uma coisa que me fez respirar [pode não acontecer segundo a imagem que a pessoa faz: “Deve ser naquele lugar, naquela hora e como eu decidi”, não]. Duas amigas vieram jantar comigo e uma delas contava o que tinham sido os Exercícios para ela: ficou comovida durante toda a Assembleia, tinha ouvido o que precisava ouvir, não tinha se irritado nem com coisas que sentia distantes de si, embora não tenha gostado delas. Ao ouvi-la fiquei boquiaberta e entendi duas coisas. A primeira é que ela foi aos Exercícios carregando uma necessidade, enquanto eu, não. Na verdade, fui sem perguntas, esperando algo bonito mas nada mais, como se as coisas na minha vida estivessem bem. Somente diante dela percebi o quanto, normalmente, falta um sentido nas coisas que faço, e que desejo um olhar sobre mim, um encontro, uma salvação – ou seja, não ser reduzida a um mecanismo, às coisas que há para fazer –. E a segunda coisa é que durante o jantar meu ceticismo agia fazendo-me olhar com desconfiança para ela [o Mistério pode nos mandar alguém que nos desperta, mas podemos desconfiar da pessoa que nos envia] enquanto falava de uma correspondência, esperando perceber alguma falha [ver o que não procedia] e tentando descobrir se o que dizia era verdadeiro ou se eram apenas palavras. E corria o risco mais uma vez de estar mais atenta a que tudo se encaixasse naquilo que posso aceitar e entender do que buscar algo para mim. Por sorte, isso não venceu [olhem que luta, quase instante a instante!] e vi a alegria delas. Hoje acordei com isso em mente e mais uma vez tomada pela rotina não podia não desejar algo de novo, como tinha acontecido a elas. Mas que esquecimento eu vi! Parece-me um esforço enorme manter essa postura, manter o desejo. Tenho certeza de que terei cada vez mais necessidade de ser despertada, e quero fazer uma pergunta: Qual é a ajuda que podemos ter em relação a isso? Como não deslizar para um nada inconsciente, talvez cheio de coisas boas, bonitas, mas insípidas? Sou mestre nisso, me viro o suficiente, mas não quero isso”. A

pergunta é como podemos nos ajudar. A primeira ajuda fica clara observando como o Mistério age. Apesar de a amiga que escreve ter ido aos Exercícios com uma postura fechada, depois, se viu diante de alguém e, apesar de no início ter um certo ceticismo, no fim não pôde “não desejar algo de novo, como tinha acontecido a elas”, ou seja, não pôde deixar de perceber a própria necessidade se escancarar, por causa do que percebia nelas. O verdadeiro se comunica por inveja! Então, qual é o primeiro movimento para nos ajudarmos? Que a pessoa vá atrás daquele sobressalto, daquele reacender-se do desejo. Porque o Mistério não nos faz sermões, não nos repreende, simplesmente nos envia alguém que faz renascer em nós a vontade no profundo do nosso eu, pelo fascínio por aquilo que vemos. É fácil. Basta ir atrás daquele raio de luz, de atração que se acende em nós, uma centelha que nos dá um fragmento de pobreza de espírito. O segundo movimento é ir atrás do testemunho dos outros. Qual é a ajuda que você pode ter para manter o desejo desperto? Olhe como o Mistério está lhe ajudando. O Mistério, de fato, não fica bloqueado diante do seu bloqueio, mas continua a tomar iniciativa da forma mais imprevisível para você: através das amigas, provocando em você um desejo que nem mesmo todo o ceticismo foi capaz de bloquear, que está dentro de você e que você pode seguir.

**Colocação:** Quando voltei dos Exercícios ficou muito mais evidente para mim quem eu sou e como estou vivendo minha vida. Nos últimos meses afastei-me um pouco do Movimento e, portanto, de Cristo, sem nunca olhar, no fundo, por que aquilo estava acontecendo. Algumas vezes buscava justificativas em alguns fatos que aconteceram comigo recentemente, fatos decisivos na vida de uma pessoa, mas essas tentativas de justificar falhavam miseravelmente diante da consciência do abraço que recebi na vida. Então, por que esse afastamento? Por que a salvação reconhecida e vivida não me interessa mais? Perguntas para as quais ainda, sinceramente, não encontro resposta. Mas, indo aos Exercícios, consegui formular algumas hipóteses e, para dizer a verdade, o próprio fato de ter ido foi um primeiro sinal: o primeiro sinal de que, apesar de todo o meu esquecimento, não posso deixar de desejar uma vida plena. Porém, apesar de me mover em direção àquilo que meu coração inconscientemente aspira, às vezes gostaria de arrancar esse desejo de mim. Algumas vezes dou-me conta de que gostaria de nunca ter encontrado Cristo no Movimento – e talvez este seja meu maior pecado –, porque assim meu coração poderia se contentar com um pouco menos. Mas não é mais possível. Agora eu já vi o tipo de felicidade que traz o abraço do Pai e não posso fingir que não experimentei seu gosto pleno. Nunca como agora entendo as palavras de O Monólogo de Judas: “Não foi pelos trinta denários / mas pela esperança que, / ele, aquele dia, / tinha suscitado em mim”, porque quando aquela esperança, aquele desejo infinito não encontram correspondência na realidade (ou você não vê a correspondência), você gostaria que o desejo não tivesse emergido com aquela força. Tentei com todas as forças desejar menos, ver se era possível para mim uma vida sem Ele, mas o vazio tomou conta de tudo. Tentei canalizar meu desejo para o trabalho, os amigos e outras coisas, mas com o tempo todas essas coisas perderam o sabor que tinham. Meu trabalho, que sempre amei muito, tornou-se cansativo e estéril; nunca foi tão cansativo! Aos amigos, não consigo sequer dizer o que realmente está me acontecendo. Os mesmos amigos que foram os instrumentos através dos quais Cristo se mostrou na minha vida, agora parecem-me distantes e sinto tanta vergonha dessas coisas que não consigo contar a eles. Nos Exercícios, tudo isso emergiu com uma grande evidência, junto com todas as baixezas de que sou capaz. Todo o desejo de plenitude, felicidade e beleza que tentei enterrar de todas as maneiras, veio à tona ainda mais forte do que antes e, junto com isso, também veio à tona toda a minha presunção, a presunção de ter entendido, de poder eu mesmo administrar isso de algum modo. Isso ficou evidente quando, para indicar um caminho a seguir, você citou alguns dos gestos que o Movimento propõe, como o Fundo Comum ou a caritativa. Quando você citou esses dois gestos, minha reação imediata foi de rejeição: “Tudo bem, mas eu trabalho muito e não tenho tempo de fazer caritativa”. Essas minhas reações, em parte, me escandalizaram porque, como é possível, depois de tudo o que vi, virar as costas antes mesmo de ter experimentado? Por outro lado, acenderam uma pequena luz sobre a modalidade com a qual estou vivendo a realidade que poderia ser definida como o contrário da pobreza, no sentido de que, apesar de ver uma possibilidade de plenitude para mim, sempre coloco na frente a minha medida

sobre as coisas. Para mim, é uma dificuldade imensa deixar de lado a minha medida. E do pouco que consegui entender até agora do que você nos disse nos Exercícios, este é exatamente um dos pontos fundamentais que é preciso entender para crescer. Ser uma ânfora vazia diante de uma presença que continuamente a preenche, para mim normalmente é apenas uma bela imagem. A verdade é que me coloco diante da realidade cheio daquilo que já penso ter entendido e conquistado. Desse modo, eu pego da realidade somente o que serve para confirmar e valorizar as minhas já conquistadas ideias. Em outras palavras, entendo que a minha dificuldade maior está em morrer para dar muitos frutos. Às vezes, é difícil descobrir de que baixeiras sou capaz, sobretudo diante de tudo o que encontrei, mas talvez este seja exatamente o ponto do qual seja possível recomeçar.

**Carrón:** Agradeço a você por ter tido a liberdade de dizer essas coisas, com todas as dificuldades que colocou. Porque cada um de nós poderia dizer o que você disse. Não estamos falando de um mundo ideal, estamos falando do mundo real, onde, apesar de termos feito um encontro tão decisivo como o encontro com Cristo na vida e no Movimento, podemos nos afastar e procurar outra coisa. O encontro não fecha a questão. Como dizia o Papa Bento XVI, falando de Santo Agostinho (que aprontou algumas), a vida é um caminho nem sempre linear. Se aconteceu com Santo Agostinho, pode acontecer também conosco. Portanto, não precisamos nos escandalizar com nada, mas ver como as nossas tentativas de reduzir o que nos aconteceu e de nos contentarmos com outra coisa não bastam, é inútil. Isso nos dá esperança de que, embora possamos passar por momentos como os que foram descritos, experimentamos algo tão correspondente – como para o filho pródigo, ter uma casa, ter um pai, ter uma certa experiência da vida – que, quanto mais nos distanciamos, mais ele emerge à nossa consciência na sua diversidade. E, portanto, a pessoa começa a dar-se conta de que o que precisa é uma pobreza, o reconhecimento simples do que já lhe aconteceu, a fim de que não nos tornemos nós a medida do que responde ao nosso desejo, mas, como uma ânfora vazia, acolhamos tudo o que Ele nos dá. Assim, aos poucos a pessoa conquista, como você dizia no final, aquela pequena luz sobre a modalidade com a qual está vivendo o real, pouco a pouco se torna seu algo que podemos ter repetido, mas que somente a dificuldade da vida, que não nos é poupada, começa a fazer entrar na nossa medida, escancarando-a. Como uma outra pessoa me escreve: “É incrível como Ele, depois de anos, percebe exatamente a obtusidade da minha vida e a distância e estraneidade que percebo cada vez mais real [fala da distância de Cristo do coração]. Se soubesse quanto é árido o meu modo de amar, quanto falta a fonte do bem em mim e quanto sinto a sua falta [como você dizia antes: no fim, aquilo que mais lhe agrada, como o trabalho ou os amigos, torna-se árido, e torna-se árido até o modo de amar]. Eu sei que Jesus é verdadeiramente a origem da minha vida, mas [eis que aparece o “mas”] a minha vida é continuamente bloqueada. Todas as vezes que você diz isso, sinto-me desproporcional. Quero apenas retomar um caminho que não me poupe nada”. Entendem por que Péguy nos lança o tema da liberdade? Porque não é que conosco não tenha acontecido nada. Todos nós, como estamos vendo, partimos de algo que aconteceu em nossa vida, mas não se tornará nosso a não ser através da liberdade.

**Colocação:** Quero fazer algumas perguntas que nasceram dos Exercícios, mas também antes disso. A principal é: que liberdade é essa que está nos pedindo, quase mendigando-a? Por que lhe faço essa pergunta? Volto um pouco atrás. O que me pareceu belíssimo da sua entrevista à Jot Down (“Os problemas não são criados pelos outros, os outros nos tornam conscientes dos problemas que temos”, que está na Passos de Março) não foi só o conteúdo das respostas, mas sobretudo ver um homem inteiro, que mostra um imediatismo cheio de certeza. Analogamente percebi que o estupor pela visita do Papa a Milão nasceu, para mim, no fundo, no fundo, do mesmo fato: a beleza e a atração de ver um eu unido, sem perder energia e tempo nas premissas. Não, antes de mais nada, por uma força sua, mas porque atraído por Cristo. Depois, fiquei realmente impressionado quando ouvi você citar uma entrevista na qual o Cardeal Scola, falando do Papa e dos ocidentais, definia os europeus como herdeiros de divisões intelectualistas e doutrinárias. Entre outras coisas, eu não posso certamente me definir como um intelectual, porque sou um agricultor, porém, apesar disso,

percebo como é verdadeira essa observação, um pouco como se participássemos de uma corrida de cem metros carregando uma pesada mochila nas costas. Vendo o Papa, e vendo você, percebo que eu normalmente sou realmente assim. A maior parte da dificuldade que tenho (a distância de Cristo que, às vezes, percebo) e a fecundidade ou inutilidade do meu tempo (porque não usar bem o tempo faz com que se sinta Cristo distante) depende do fato de que, instintivamente, normalmente me parece mais rápido e eficaz demonstrar uma coisa através de uma construção do pensamento do que simplesmente reconhecendo-a. Algumas vezes parece que vivo de modo mais lento por causa de uma mentalidade à qual me habituei, de analisar as coisas antes de abraçá-las, tornando as duas coisas opostas. A segunda pergunta é se isso também acontece com você e qual é, a seu ver, o elemento determinante disso. Conto um fato que uma amiga que dá aulas de Arte em uma escola de ensino fundamental me contou e que ficou em minha mente – isso é um bom sinal porque quer dizer que os fatos começam a fazer companhia também a mim. Esta amiga organizou um curso vespertino de desenho para os melhores alunos, para os que queriam progredir e apareceu, entre os meninos que se apresentaram, um rapaz que não era propriamente bom em desenho. Ela ficou muito desconfortável e não sabia se dizia ou não a ele que não poderia ficar no curso. Decidiu esperar a mãe, que viria para uma conversa. Quando a mãe chegou, ela colocou a questão e a mãe respondeu: “Sim, eu falei com ele sobre isto, e ele me disse: ‘Decidi ir porque aquela é a professora que gosta de mim!’”. Este fato está me fazendo entender melhor qual é a liberdade da qual sinto uma necessidade dramática: uma simplicidade como a do Papa e como a desse jovem, que se deixam atrair pelo afeto prevalente. Não é uma fraqueza de pensamento, mas toda a força de uma experiência irreduzível. O que também me parece evidente quando olho para a minha experiência é que se eu reconheço e me deixo atrair pelo afeto prevalente conseguirei entender e respirar dentro de todos os detalhes. Se, ao contrário, coloco o detalhe ou meu raciocínio antes dele, sufoco e vejo que Cristo se afasta cada vez mais e isso, inevitavelmente, rasga o meu coração. Para mim, os Exercícios foram o tornar-se novamente carne deste afeto prevalente sobre mim nas circunstâncias as quais mendigo a liberdade e a simplicidade daquele estudante de desenho.

**Carrón:** Você colocou uma questão fundamental, disse que às vezes lhe parece mais rápido e eficaz demonstrar uma coisa através de um raciocínio do que simplesmente reconhecê-la. Por que nós sucumbimos a essa tentação? O que há por trás? Nós, como estou dizendo há algum tempo, somos modernos e – como afirma o cardeal Scola, que você citou, em relação aos europeus – “herdeiros de visões intelectualistas e doutrinárias” (A. Tonielli, “O Papa em Milão, entre a periferia e a penitenciária”, *Lastampa.it/Vaticaninsider*, 17 de novembro de 2016). Nós pensamos que basta fazer um belo discurso para que seu conteúdo se torne nosso. Sempre me impressionou um famoso texto de Kant, que diz muito sinteticamente qual é o ponto: “É possível de fato, tranquilamente acreditar que, se o Evangelho não tivesse ensinado primeiro as leis éticas universais [as verdades fundamentais da vida] em sua íntegra pureza, a razão não as teria conhecido em sua completude,...”. O que temos de mais decisivo para viver, o que torna a vida vida, foi-nos dado pelo Evangelho. É Kant que diz isso. Qual é a questão? Podemos entender a partir do que ele afirma logo depois: “...embora agora, *uma vez que já existem*, cada um pode ser convencido da sua exatidão e validade usando apenas a razão” (E. Kant, *Questioni di confine*, Marietti 1820, Genova, p. 105). Uma vez que Cristo nos fez descobrir em sua pureza e completude aquilo que nos ajuda a viver – e nós sabemos disso – basta a razão, basta o pensamento para reconhecê-lo, não precisamos mais de Cristo, não precisamos mais seguir o contragolpe de algo que temos diante de nós. A liberdade se reduz simplesmente a este uso da razão. Desse modo, pensamos que basta raciocinar para que as coisas se tornem nossas. A história desmentiu isso e desmente. O que, no fundo, falta, aqui? A coisa mais simples para entender é ler a continuação do texto do Inominado que citamos nos Exercícios, onde vemos como se joga a liberdade dele. O Cardeal Frederico volta-se para ele dizendo: “‘não creia [...] que eu me contente com esta visita por hoje [não pode mais se contentar por tê-lo visto daquela vez; quer revê-lo, e acrescenta:] ‘Retornarás, não é verdade?’. [...] ‘Se eu voltarei?’, responde o Inominado: ‘se vós me rejeitares, permaneceréi obstinado à vossa porta, como o pobre. Tenho necessidade de falar-vos! Necessito ouvir-vos, ver-vos! Necessito de vós!’” (A. Manzoni, *Os*

*I promessi sposi*, Bur, Milão 2012, p. 486). Porque o cristianismo é isso. A liberdade é despertada diante de uma presença que nos atrai, que atrai todo o nosso ser. A liberdade, como você disse, é esta simplicidade pela qual eu percebo alguém tão decisivo para a minha vida que tenho a incontável necessidade de voltar. Mas é recíproco. A necessidade não é apenas do Inominado em relação ao Cardeal, é também do Cardeal em relação ao Inominado, por causa daquela “migalha de verdade que há nas mãos de cada homem” (*Certi di alcune grandi cose*, Bur, Milão 2017, p. 156), como dizia Dom Giussani. A liberdade está apenas, de novo, em ir atrás do fascínio, da atração que uma presença suscita em nós, para não perdê-la. Completamente o contrário de voluntarismo, totalmente o contrário de moralismo, o contrário de uma força de vontade titânica. Não. A necessidade: “Necessito ouvir-vos, ver-vos!”. Diferente de construção mental! As construções mentais não servem para nada porque, como diz Kant, se as verdades fundamentais da vida não nos tivessem sido dadas, não teríamos chegado a elas. Qual é o nosso erro? Pensar que, uma vez que algo nos foi dado, podemos não precisar voltar a quem nos deu. Podemos pensar isso também do Movimento. É verdade – alguém pode pensar – que sem Giussani não teríamos podido entender certas coisas que ele nos trouxe, mas agora, já que temos os textos, podemos reconhecer aquelas coisas com a nossa razão, não temos necessidade de seguir. Cada um pode fazer o que quiser com os textos. Porém, precisará ver se isso é capaz de responder às necessidades da vida. João e André, os primeiros que encontraram Jesus, não perderam um minuto indo atrás das próprias construções mentais, foram encontrá-Lo no dia seguinte. Qualquer pessoa que O encontre e o experimente como resposta à própria necessidade, como o Inominado, “permanecerei obstinado à vossa porta, como o pobre”. É esta pobreza, é a consciência da nossa pobreza, que torna inequívoca a nossa necessidade: não nos basta simplesmente aderir a um discurso, intelectualmente reduzido, temos necessidade de voltar àquela presença! Porque “se eu reconheço e me deixo atrair pelo afeto prevalente conseguirei entender e respirar dentro de todos os detalhes. Se, ao contrário, coloco o detalhe ou o meu raciocínio antes dele, sufoco”. Mas é preciso que cada um faça experiência disso, ou seja, do que torna possível o seu “respirar dentro de todos os detalhes, para que seu desejo de voltar permaneça vivo. É o problema que se repropõe constantemente. Uma de vocês escreve: “Posso viver completamente protegida da realidade, mas qual é a maneira de viver o real que leva em conta todos os fatores, incluindo a mim mesma, para não me retirar da realidade?”. Novamente a ajuda aparece da experiência que muitos de vocês testemunham: “Desejo comunicar a minha alegria e a sensação de maravilha que me invadiu a ponto de me fazer chorar. Sou relativamente nova [esse é o dom que o Mistério nos dá com os novos, essa simplicidade da qual você falava], mas ao mesmo tempo ainda estou aberta e sedenta, e cada vez mais propensa. Por isso, desejo simplesmente externar a minha mais humilde gratidão. Foi realmente um dom de graça [está falando dos Exercícios]. E nem lhe conto quantas objeções superei: muitos no mesmo hotel, confusão, filas para o almoço, muito frio, muito quente, muito tempo sentados, madrugar, é muito difícil para mim. Cheguei cheia dessas objeções, mas, ao mesmo tempo, desarmada, sabendo que não sabia [parece nada, mas é muito: sabendo que não sabia]. E então vi a multidão e tudo o que era objeção se transformou: muitos rostos amigos, uma enorme família, rostos contentes também na dor, na doença, nas dificuldades da vida, tudo falava ao meu coração [tudo o que antes era uma objeção] e tudo era para mim, tudo falava de mim. Agora desejo muito comunicar que o meu coração transborda de alegria e compartilhar tudo isso com as pessoas queridas! Não sei como dizer melhor do que isso. Foi como contemplar uma obra de arte, a beleza da criação, da natureza. Poucas vezes me aconteceu ficar sem ar dessa forma, em apneia, embasbacada, esperando que não terminasse e, ao mesmo tempo, totalmente dominada a ponto de não conseguir dizer uma palavra. Foi uma amostra do Paraíso”. O que torna tudo “para mim”, que faz com que tudo fale ao coração, que não se torne pesado, é este estar desarmados diante da realidade: é este saber que não se sabe que torna possível que tudo fale. E com isso podemos enfrentar também as dificuldades que continuam a aparecer. Como diz outra carta: “Depois das primeiras semanas cheias de entusiasmo, recaí outra vez no tédio das coisas habituais, na solidão e na apatia. É como se visse acontecer em mim o que você dizia nos Exercícios: há certos momentos nos quais a pessoa desperta, se move, cresce, porém, depois tudo se torna novamente pesado e sufocante. É como se esses dois momentos nunca se unissem a não ser

externamente. Eu estou nesse ponto. O que significa, na prática, viver a memória de Cristo agora? Como este momento se torna passo de consciência, um passo no caminho do conhecimento?”.

**Colocação:** Se penso no que prevalece nos meus dias há alguns meses, diria, imediatamente, que os problemas de diversas naturezas abarrotam o meu tempo e o meu pensamento. Mas na Escola de Comunidade aprendi que enfrentar os problemas é a primeira forma de caridade, ou seja, de descoberta do amor de Deus. Peço uma ajuda para aprofundar isso. Porque o que eu entendo é que o bonito não é apenas alcançar o objetivo – normalmente fixado por mim –, mas a estrada em si, a caminhada. E percebo que o caminho torna-se tal quando o que acontece é um diálogo com Quem me faz através das coisas que acontecem.

**Carrón:** Esta é a possibilidade: que tudo o que parece uma objeção se torne um diálogo com Aquele que nos faz. Olhem que é muito fácil, os filhos de vocês o fazem. De fato, não é que de um lado estão os problemas e do outro a memória. Os filhos de vocês, como eu sempre digo, quando acordam de manhã e têm o problema da solidão, o que fazem? Choram, gritam, procuram vocês, não têm outra coisa. Não de fora, mas do fundo deles urge o desejo de encontrar o rosto da mãe. É fácil! A questão é se nós nos damos conta de que tudo o que nos acontece, como acontece com as crianças, é para reavivar a memória da Sua presença, para reavivar a memória da mãe. Quando a criança tem fome, quando a criança tem medo, quando a criança se assusta, quando falta algo a ela, quando tem algo para pedir, para ela tudo – tudo, tudo! – se torna ocasião de um relacionamento. E isso constrói a sua vida, lhe dá a possibilidade de uma familiaridade cada vez maior com a mãe, que gera nela a certeza de que com a mãe a vida é mais bela, é mais vida. Mas isso não diz respeito só às crianças. Nas crianças vemos uma dinâmica que diz respeito à natureza humana: isto é, que a vida é, através de tudo o que acontece, ter um diálogo, uma relação com Aquele que me é Pai. E isso não acontece de fora, de modo moralista, mas dentro do relacionamento. O filho de vocês não tem problemas moralistas, não sabe nem o que é isso! Não se reporta a vocês porque deve fazê-lo, é que lhe urge fazê-lo, fazer isso coincide com o grito que tem! Ele não se divide em dois, não, coincide de tal modo com ele mesmo que não pode evitar que das entranhas do seu eu, assim que abre os olhos, deseje entrar em relacionamento com aquele que o faz, que, naquele momento, para ele, são os pais. E se nós não fazemos isso, tudo se torna objeção. Imaginem que a criança diga, referindo-se a vocês, pais: “Não, agora não vou procurá-los”. O que seria para ela a vida, o dia? Num determinado momento, nós perdemos essa consciência da verdadeira natureza do nosso eu, da verdadeira pobreza. E quando alguém, quando adulto, a recupera, como o Inominado de Manzoni, ninguém o arrancará da porta do Cardeal, onde fica obstinadamente “como o pobre”, porque tem necessidade de vê-lo. Este é o problema da vida. Quanto mais tempo gastamos para descobri-lo, mais a vida é difícil. Quando a pessoa começa a dar-se conta disso, tudo fala, tudo se torna mais seu. Mas o Mistério que nos faz não quer nos impor isto, quer deixá-lo à nossa liberdade, quer que seja nosso: quer que essa salvação seja minha, sua.

**Colocação:** Tenho duas perguntas. A primeira é em relação a este trecho: “Quando provamos uma vez o que é ser amado livremente, as sujeições já não têm gosto algum. / Quando provamos o que é ser amado por homens livres, as prosternações de escravos já nada nos dizem [...] / Nada mais tem esse peso, esse valor”. Esta frase me impressiona muito, e, ao mesmo tempo, me irrita um pouco, porque percebo que sou uma pobre coitada limitada e normalmente digo não. Porém, ao mesmo tempo, fui criada livre e desejo ser olhada assim e aprender a olhar os outros assim. Então, a minha pergunta é: se a liberdade não impede, a contrário, permite que eu diga frequentemente “não”, mas isso empobrece a vida, como posso aprender a usar a liberdade para dizer “sim” e não perder nada? A segunda pergunta diz respeito a um ponto, quando você lê uma contribuição que chegou: “Descobri, combatendo, na grande graça do caminho que nos chama a fazer, que a vida é bela não porque tudo esteja em ordem e corra exatamente como eu imagino. A vida é bela porque em cada dia há uma possibilidade de relação com o Mistério e tudo pode tornar-se um desafio para descobri-lo e receber um ‘a mais’ para mim. O que me liberta da ansiedade e do medo [...] é ter

experimentado que no imprevisto se esconde algo que foi preparado para mim, uma ocasião para aprofundar essa relação com o Mistério”. Então, pergunto: é realmente verdade que a realidade, toda a realidade, é positiva, que a realidade é boa não porque não existam dificuldades, mas que todos podem também, exatamente dentro das dificuldades e feridas que precisa enfrentar, descobrir algo grande? É verdade que cada coisa, cada fato, cada circunstância que me é dada, é possibilidade de relação com o Mistério, e que tudo pode se tornar um desafio para descobri-lo e receber um “a mais” para mim, mesmo as coisas que parecem apenas besteiras? O que você nos diz é revolucionário, porque o mundo diz completamente o contrário.

**Carrón:** É revolucionário! Mas você vê como, apesar de tudo o que lhe aconteceu, no fundo permanece uma suspeita: “É realmente verdade que a realidade, toda realidade, é positiva? É [realmente] verdade que cada coisa, cada fato, cada circunstância que nos é dada, é possibilidade de relação com o Mistério, e que tudo pode se tornar um desafio para descobri-lo e receber um ‘a mais’ para mim [...]?” Posso lhe assegurar que sim, mas isso não serve para muita coisa, se você não o descobre dentro da sua experiência. Você ouviu que a realidade é positiva, mas não basta repetir a frase certa para que seja sua. E aqui, novamente, retorna a questão da liberdade. Por isso nunca será meu, nunca será seu o que lhe é dado, amiga, se você não verificar, ou seja, se sempre que receber essas coisas, você não começar a arriscar-se, a afirmá-las para verificá-las. Dom Giussani diz em *O senso religioso*: “Uma busca real implica sempre, como hipótese última, a resposta positiva: de outro modo, não seria busca. Por isso, se o real provoca, a educação da liberdade [é a educação que devemos nos dar] deve ser educação para responder à pro-vocação” (*O senso religioso*, Cia Ilimitada, São Paulo 2015, p. 193). Você só poderá descobrir se a realidade é positiva se for atrás dela. E olhem o que Dom Giussani diz: o que é essa educação à liberdade? Se eu perguntasse: a que cada um de nós associaria neste caso a palavra educação? (Isso é fazer Escola de Comunidade: a comparação entre o que nós pensamos e o que Giussani diz). O que ele diz? “É a educação a ter ‘fome e sede’ que nos torna atentos às solicitações que se multiplicam no confronto com a totalidade do real [a fome e a sede nos tornam atentos às solicitações da realidade], que nos torna prontos a aceitar cada nuance de valor [a ir atrás dela, como dizíamos antes], isto é, [...] [a ir atrás de toda] séria promessa [...] [feita à nossa] indigência [para com nossa original pobreza]”. Nisto se joga a nossa liberdade. E Jesus afirma: “Felizes os que têm fome e sede”, porque tudo, como se dizia antes, tudo é para nós, tudo se torna meu, todas as coisas me falam, e tudo se multiplica. Por isso a pessoa é feliz. Tudo se torna nosso com os mesmos ingredientes. Não são “felizes” porque a vida os trata de modo diferente. Não. São felizes porque, tendo esta fome e esta sede, tudo fala a eles. Santo Agostinho dizia: a realidade, para um é muda e para outro fala. Depois, se corrige e diz: ou antes, fala a todos, mas somente a entendem aqueles que comparam a voz com o coração, com a fome e com a sede (cfr. *Confissões*, X, 6,10). Então “felizes [são] aqueles que têm fome e sede. Ao contrário, malditos os que não têm fome e sede, os que já sabem, os que não esperam nada. Malditos os satisfeitos, para quem a realidade é, quando muito, um simples pretexto para suas agitações e não esperam dela nenhuma novidade verdadeira” (*O senso religioso*, p. 193). Se eu parto de uma hipótese positiva, se há algo a ser descoberto, descobrirei; se parto de uma hipótese negativa, mesmo que exista algo, não poderei descobrir. É crucial que nós, a partir da experiência que fazemos, possamos realmente descobrir a verdade daquilo que nos dizemos. Senão, no fim o perdemos completamente. E, para descobrir, é preciso uma abertura positiva. Portanto, a luta, como diz outra amiga, é entre essas duas posturas: “Quando tenho essa postura, qualquer coisa, até uma irritação, se transforma em profunda comoção. Exatamente como o Inominado diante do Cardeal, voltei a perceber que no fundo o que realmente preciso é o relacionamento com Cristo presente nos meus dias. Naqueles dias vivi não apenas uma grande gratidão, mas sobretudo um forte desejo de recomeçar o trabalho e o aprofundamento da fé que você sempre nos propôs e que não levava a sério há muito tempo”. Este é o nosso problema: podemos não levar a sério as coisas que nos dizemos. Isso se torna um pretexto para as nossas agitações, mas não as levamos a sério. Então, nos cansamos de ouvir, pensando que já as verificamos. Mas sequer começamos, na maioria das vezes. Há em nós uma constante alternância de duas posturas: “De um lado, um fechamento em mim

mesma, nos meus erros, no meu esquecimento; do outro, a postura mais certa e serena de recomeçar exatamente desse esquecimento”. Não importa, o filho pródigo recomeçou do profundo vazio. “Nada se torna objeção, em última instância, para que eu recomece, exatamente porque me torna consciente da minha verdadeira necessidade”. Mas é preciso verificar.

**Colocação:** Tanto agora como naquele momento, quando uma moça, depois de uma Via Sacra, olhou para mim com gratuidade – um olhar que me dizia “você é um bem para mim”, que fez com que eu deixasse outros interesses, talvez inconscientemente, para levantar no dia seguinte e voltar ao lugar em que vi aquele olhar para encontrar aquelas pessoas –, agora como naquele momento, ficou claro o fato de que eu, com todo o meu limite, às vezes indescritível, encontrei o que me salva e o que salva o mundo. Mas agora entendi mais que isso é para ser comunicado e que só posso comunicá-lo vivendo-o. Ler suas últimas colocações – a entrevista à Jot Down, o encontro com Pilar Rahola, a entrevista para El Mundo, o encontro com Violante em Milão –, fez nascer dentro de mim um fogo, uma urgência de verificar a possibilidade que vi novamente em ato nelas. E não há pessoa com quem eu não procure verificar isso. Ficou claro como tudo está diretamente ligado ao caminho da Escola de Comunidade e aos Exercícios da Fraternidade, e é maravilhosa a coincidência entre o que me salva e o que pode salvar o mundo: para mim, significa alargar a possibilidade de compartilhar as perguntas que surgem em todos no embate com as circunstâncias cotidianas, e como essas perguntas são, no fundo, a coisa mais preciosa para construir uma posição humana vitoriosa para mim e para todos. No fundo, a pergunta é nossa, é o nosso trabalho. Enquanto a resposta é o acontecimento de Jesus (que não acontece por um esforço nosso). Mas, somente se alguém tem uma pergunta, pode reconhecê-Lo. Acho que entendi que Dom Giussani, no contexto histórico em que a experiência do Movimento nasceu (igrejas lotadas e falta de fé), presenteou o mundo com o seu carisma. Agora você nos provoca a um juízo pertinente ao momento histórico mostrando que a intuição de Dom Giussani é verdadeira porque vale também hoje, com as igrejas vazias, a inexistência da fé e a falta de humanidade. Nos últimos dois anos o meu trabalho está muito difícil, mas isso não apaga aquele fogo. Ao contrário, sou grato por toda a dificuldade e sofrimento que vivo por causa disso – e não sou louco, acho –, porque é também graças a esse sofrimento que tornei-me consciente da minha pobreza, minha pergunta não desapareceu e Jesus é a razão pela qual me levanto pela manhã. E isso nunca é suficiente, mas Ele está sempre dizendo-me que sou um bem para Ele. Este é um milagre maior do que a solução dos meus problemas, solução pela qual dou toda a energia que tenho.

**Carrón:** Por que Cristo é mais importante do que a solução dos problemas? Normalmente pensamos que é o contrário. Por que o décimo leproso volta, mesmo já tendo o seu problema resolvido? Porque nossa necessidade não é que nosso problema da lepra seja resolvido, nossa necessidade é muito mais profunda. E mesmo que apenas uma pessoa reconheça isso, ela nos testemunha a verdadeira necessidade que temos, que é a necessidade d’Ele. Então, tudo o que acontece na vida, as coisas que nos fazem sofrer ou os milagres – como a cura da lepra – são para verificarmos o que nos aconteceu. E a pessoa entende que isso é para todos. Quanto mais alguém tem certeza do relacionamento com Cristo presente, tanto mais deseja se colocar na realidade para verificar para si mesmo que o que é verdadeiro na sua vida cotidiana, é verdadeiro diante de todos e de tudo, inclusive quando a pessoa fala com um jornalista. A verificação leva a uma certeza sem comparação. Tudo é ocasião de verificação e, portanto, de caminho, para saborear a beleza do caminho!

## **AVISOS**

Eleições administrativas 2017 na Itália. Colocamos no site de CL ([www.clonline.org](http://www.clonline.org)) e nas redes sociais duas contribuições úteis para as iminentes eleições administrativas em diversas cidades italianas.

- A primeira contém trechos de um diálogo que aconteceu no mês de maio entre padre Carrón e alguns responsáveis do Movimento na Lombardia, no qual um amigo nosso nos testemunhou de

modo simples, como o empenho político nasce do desejo de construir algo de bom para todos. Contou-nos sobre como alguns amigos, simplesmente provocados por uma pergunta do pároco, começaram a olhar e julgar a realidade em que viviam e fizeram algumas propostas. E as pessoas com quem se encontraram, por sua vez, também se envolveram.

- A segunda contribuição: *Razões de um empenho para o bem de todos* é um panfleto que propõe as razões para uma atenção às eleições que nascem da nossa experiência.

A próxima Escola de Comunidade com Carrón acontecerá quarta-feira, 21 de junho, às 21h00. Continuaremos o trabalho sobre a Introdução dos Exercícios da Fraternidade, *O meu coração é feliz porque Tu, Cristo, vives*. Faremos os pontos de 4 a 6.

Férias. O tempo das férias torna evidente o que nos interessa na vida e também no cotidiano. Dom Giussani sempre nos disse: o que mais nos torna conscientes do que é importante para nós se vê no tempo livre, não quando somos obrigados, por causa do salário ou da profissão, a fazer isso ou aquilo. No tempo livre, eu posso decidir o que quero, revela-se, portanto, o que é importante para mim, do que não quero prescindir. Podemos perceber que espaço tem a oração, a retomada do texto da Escola de Comunidade, a leitura, a busca pelos relacionamentos verdadeiros, ou seja, se nos interessa levar a sério nossa necessidade humana. A necessidade tira férias ou também nas férias temos necessidades? É importante responder a isso, também para entendermos o que é o verdadeiro repouso, para não ficarmos mais cansados do que no início das férias.

Livros para o verão europeu:

- *Una strana compagnia*, de Luigi Giussani, Bur. Trata-se dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação que começamos a publicar na coleção *Cristianesimo alla prova*, pela Bur.
- *False testimonianze. Come smascherare alcuni secoli di storia anticattolica*, di Rodney Stark, Lindau.
- *Il grande spettacolo del cielo*, de Marco Bersanelli, Sperling & Kupfer
- *I promessi sposi*, de Alessandro Manzoni, Bur (Biblioteca dello spirito Cristiano)
- *A lenda do Santo Beberão*, de Joseph Roth, Editora Estação Liberdade

Procissão de Corpus Christi. Lembro a importância da participação de todos nós, nas próprias Dioceses, deste gesto simples através do qual nos educamos a ter todo o respiro da Igreja universal.

*Veni Sancte Spiritus*

Boa noite a todos!